

CACOS DE ESPERANÇA, MEMÓRIA DE RUÍNAS - TRADIÇÃO E RUPTURA EM A ÁGUIA E ORPHEU

Júlio César M. Matias
UFMG

A proclamação da República em Portugal no ano de 1910, bem como os cinco anos que a ela se seguiram são o pano de fundo para o surgimento de duas significativas revistas literárias do período: *A Águia* e o *Orpheu*.

Um ponto interessante a se observar na primeira série de *A Águia* é o fato de aqui estarem as sementes do Saudosismo, tanto estética quanto ideologicamente. Sob uma perspectiva mais histórica, nascendo junto com a República portuguesa, *A Águia* reflete, de certa forma e até certo ponto, o momento histórico pelo qual a terra de Camões estava atravessando. Neste primeiro momento, percebe-se ampla adesão ao novo regime, sendo ele visto com bons olhos, e sendo nele depositada a máxima confiança. Ora, esperava-se que aquele fosse o antídoto para a doença do país, a cura de suas mazelas, cujas causas eram atribuídas a uma fracassada monarquia constitucional, bem como ao parasitário domínio da igreja.

Nota-se, sem embargo, que essa esperança perde cada vez mais espaço para uma névoa espiritual, um certo panteísmo e uma crença numa religião do futuro. O indício de um novo renascimento deixa de ser a república e passa a ser uma nova geração de artistas portugueses, os quais têm um sentimento comum latente: a saudade. A partir de tal ponto pode-se identificar os prenúncios do saudosismo que ganharão mais força na segunda série da revista, quando já sob a liderança de Teixeira de Pascoaes, ela rompe completamente com quaisquer conexões a preceitos republicanos.

Interessante observar que Pascoaes, já no oitavo número da primeira série, defende com toda a paixão o signo da Saudade, num texto sobre Miguel Unamuno, o qual muito indica o caminho a ser seguido por *A Águia*:

A Saudade é o amor central espiritualizado pela Dor, ou o amor espiritual materializado pelo desejo, é o casamento do beijo com a lágrima, é Vênus e Maria numa só mulher; é a síntese do céu e da Terra: o ponto onde todas as forças cósmicas se cruzam: é o centro do Universo, a alma da natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da natureza. A Saudade é a personalidade eterna da nossa Raça: a fisionomia característica, o corpo original com que ela há de aparecer entre os outros povos: e por ele, no juízo final, Deus o distinguirá dentre os outros Povos ... a Saudade é a eterna Renascença, não realizada pelo artifício das artes, mas vivida, dia-a-dia, hora a hora, pelo instinto emotivo do povo. A Saudade é a manhã de nevoeiro, a primavera perpétua; é um estado de alma latente que amanhã será consciência e civilização Lusitana. Eis a nossa tristeza; o seu espírito divino.¹

Já O *Orpheu*, desnecessário dizer, o ícone do modernismo português, nas quais nomes como Santa Rita Pintor, Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa e Almada Negreiros se destacam, surge em 1915, causando, como se sabe, grande alvoroço no meio literário da época. O que observamos em o *Orpheu* é a busca de uma ruptura, a qual acontece em vários aspectos, mas especialmente nas imagens que o eu-poético cria frente à Grei. Não obstante, o Orpheu é um herdeiro da tradição que ele busca romper, tanto em termos estéticos quanto ideológicos.

Se em *A Águia*, considerando sempre a primeira série, encontramos um poeta que, em profecias nefelibatas e metafísicas, enxerga o renascimento da pátria, em termos de um ideal de comunhão dos povos, e principalmente, sob o signo da saudade, em o *Orpheu* encontramos um poeta exilado que se debruça sobre os cacos de esperança e as ruínas de um tempo que só existe em sua memória. Um poeta que perdeu o seu sentido, sua direção, numa atopia que bem expressa o que naquele momento era, sob sua ótica, a pátria: nem o passado nem o futuro de um quinto império, mas um entre-lugar, uma inconstância inquietante e nauseabunda. Não obstante, o diálogo com a tradição é latente. Em *Orpheu* a Saudade também existe, mas traz para o poeta (e também para a Pátria) somente febre e agonia.

Consideremos primeiramente duas citações de Jaime Cortesão, em *A Águia*. Ele escreve que o homem comum possui visão limitada, e o mundo lhe é, portanto um imenso “cárcere de mistérios”. Ao simplesmente vermos, estaríamos julgando as coisas apenas pela sua aparência,

¹ PASCOAES, Teixeira de. Bibliografia: UNAMUNO, Miguel. Por Tierras de Portugal y de España. *A Águia*, Porto, nº 8, p.14-16, abril, 1911

sendo, assim, incapazes de enxergar a essência, o âmago delas. O fato gera uma certa angústia, e Cortesão lamenta não podermos enxergar além das coisas, o que nos torna mais solitários no mundo – nós não temos acesso à alma, à vida das coisas, restringindo-nos a uma visão superficial.

Cortesão leva esta problematização para o âmbito do homem enquanto um corpo susceptível de desejos, sensações e sentimentos. O amor, por exemplo, seria apenas um eco pusilânime, uma parcela ínfima de algo muito mais intenso, profundo e oculto da nossa alma. Já o *poeta*, não obstante, ao contrário do homem comum, consegue ter acesso a esse mundo de essência e verdade: “Do fundo da vida roçam os homens apenas a casca, a epiderme uniforme, enquanto os poetas cravam os dentes, provando mil inéditos sucos, nas profundidades virgens da polpa.” e acrescenta “Ser poeta é confessar a Eternidade, é ter o instinto do Divino, é viver na beleza imortal, é arder, volatizar-se, diluir-se num cósmico de Amor (...). Poeta é o que sente a saudade de ter sido Deus e o desejo de o tornar a ser”.²

Podemos fazer uma analogia. Este desejo de voltar a ser Deus sugere o próprio desejo de que Portugal realmente retornasse ao seu período áureo, e implica, além disso, um situar-se em uma outra dimensão espiritual, muito acima dos valores materiais apregoados pela Europa de então. No poema “O Ser Espiritual”, de Teixeira de Pascoaes, encontramos também tal perspectiva. Aqui, eu-lírico afirma que assim como o mais perfeito domina o menos perfeito, o espírito é o que norteia o arcabouço corpóreo do homem animal. O homem que se encontra na miséria cria para si um ser perfeito, livre e inacessível, o qual é, de fato, Deus. Este torna-se, assim, o destino da vida humana, tornando-se aquele em direção do qual o homem caminhará. O poeta escreve:

Qualquer homem que, ao ver a sua miséria

² CORTESÃO, Jaime. O Poeta. *A Águia*. Porto nº 1, p.4–5, dezembro, 1910

E sua vida trágica, criou
Em pensamento, um ser perfeito e livre,
- Esse homem fez um Deus; e d'esse instante
Seu destino consiste em caminhar
Para esse Deus amado, - mas distante;
Por ele concebido, - e inatingível!³

Se estabelecermos um paralelo entre o perfil deste homem que o poeta descreve, o estado do Portugal de então, e a postura do poeta frente a isso, teremos o cerne da gênese do Saudosismo: Frente ao estado em que a grei se encontrava, cria-se a esperança num futuro grandioso, em direção ao qual deve-se caminhar, futuro este que podemos colocar no lugar do Deus tanto no poema de Cortesão quanto no de Pascoaes.. Por encontrar-se num estado de miséria dentro de sua pátria, o poeta cria em sua mente um estado utópico, neste caso um renascimento que ocorreria por vias espirituais. O caminhar em direção e lutar por este renascimento é o que dá sentido á vida, ou se podemos dizer, é o que move a vida deste homem. O grande paradoxo, não obstante, reside no fato de que apesar deste Deus ter sido criado pelo homem, em seu estado de miséria, ele está distante e inatingível. Mas ao mesmo tempo, o próprio sofrimento que se atravessa no presente é o sinal de que um tempo de glória está por vir. É o que percebemos no poema “A Evocação da Vida”, de Augusto Casimiro, o qual Fernando Pessoa mais tarde ecoaria em *Mensagem*, ao escrever no segundo campo, o Das Quinas, que “compra-se a glória com desgraça”. O que se tem a fazer é lutar com amor. Uma luta na busca da alma da raça:

Luto! Sinto o futuro à nossa espera,
Vivo, na minha luta, o meu Amor !...
E sinto bem que a eterna Primavera
Alcançaremos só por nossa Dor!⁴

³ PASCOAES, Teixeira de. O Ser Espiritual. *A Águia*. Porto, nº 8, p. 8, abril, 1911.

⁴ CASIMIRO, Augusto. A Evocação da Vida . *A Águia*. Porto, nº 2, p. 12, janeiro 1911

Uma outra indicação da glória porvir seria o surgimento de uma nova escola de poetas em Portugal.

No oitavo número de *A Águia*, em um texto denominado “O Poeta Teixeira de Pascoaes”, Cortesão já observa que naquele momento surge em Portugal uma nova linha de poetas. Linha esta, cujo caráter é profético e cujo pensamento é contrário aos princípios positivistas. O que estaria em voga naquele momento seria o pensamento metafísico, livre, que imprime panteísmo à realidade e calca-se na religião. Cortesão escreve:

Nunca, como agora, tão alta e numerosa plêiade de Poetas cantou nesta terra, banhada de luz – o som da lira apolínea; e os Ecos, que choravam de saudade por Camões, sentem-se de novo extasiar ao repetir os cânticos dos Lusíadas de hoje. Será o grito alado da cotovia saudando o Sol que nasce, ou o canto derradeiro do cisne? Eu, por mim, creio que este desabrochar da Raça em tão divinos Poetas, foi o oculto prenúncio sibilino dum próximo remoçamento, o canto mais alegre das Aves, pressentindo a primavera.⁵

Pascoaes surge, com efeito, como o maior representante desta tendência. Segundo Cortesão, o autor de *Marânus* num ato de coerência com a sua poesia, possui nobreza de espírito e “fugindo ao que é transitório e vão, nos põe em contato com a verdade íntima das coisas”.

O próprio Pascoaes também chega a afirmar que naquele momento uma nova escola de poetas estaria surgindo em Portugal. Ao falar de Lopes de Vieira, no terceiro número de *A Águia*, ele chega a afirmar que este poeta seria um dos mais fiéis intérpretes da alma portuguesa. Lopes Vieira teria resgatado o espírito da raça outrora sobreposto por estrangeirismos, embora grande parte do público leitor não soubesse sentir a raça expressada em seus poemas. Pascoaes fala não só da obra de Vieira, mas também da situação literária no Portugal de então, ressaltando a importância de Vieira e Antônio Corrêa de Oliveira dentre outros. Ele escreve:

Estes e mais alguns poetas formam a primeira escola autenticamente portuguesa. E entre esses alguns poucos poetas destacam-se ainda duas figuras, mais novas, mas também de grande e verdadeiro valor: Jaime Cortesão e Augusto Casimiro.

No primeiro revela-se o gênio épico da Raça, há o ímpeto heróico que alarga os horizontes e tenta escalar o céu; no segundo, revela-se o *nosso amor*, tão largo que se estende às coisas mais humildes, tão alto que vai à procura de Deus.

Nas almas de todos estes poetas que citei, a alma do nosso Povo grita, murmura, reza, soluça e ri, na mais íntima comunhão com a alma da Natureza! Sim, porque a alma do nosso Povo é, entre as almas dos

⁵ CORTESÃO, Jaime. O Poeta Teixeira de Pascoaes II. *A Águia*, Porto nº 9, p. 1-2, maio 1911

outros povos, a que descende mais diretamente da terra e do céu (...) e por isso tem diante de si um glorioso futuro.⁶

Cinco anos de República se passaram, e em Janeiro de 1915 é publicado o primeiro número de *Orpheu*. Se no período da primeira série de *A Águia*, em 1910 e 1911, acreditava-se que o futuro seria grandioso, e se 1915 puder ser considerado de alguma forma como um futuro, veremos que a profecia, até então, não se realizara, e de fato, não chegou a se realizar. Em *Orpheu* podemos encontrar um perfeito diálogo com o trecho de Pascoaes acima descrito, constatando que, perdendo suas esperanças, o poeta de *Orpheu* perde o sentido de sua vida, perde a imagem, crença de que os tempos áureos de Portugal retornariam, e entrega-se à náusea dentro de um espaço atópico, um doentio entre-lugar.

Se em *A Águia* vemos um eu que encontra o sentido de sua vida num Deus pela sua imaginação criado, em *Orpheu* não faltam exemplos da impotência, falta de rumo e desorientação do poeta. Ao invés de encontrar em Deus e no caminho do amor a passagem para uma nova dimensão, um novo espaço, o poeta que aqui encontramos vive num estado de alucinação e febre, perdendo-se no delírio. A certeza e veemência de um renascimento no qual os poetas de *A Águia* tanto depositavam sua fé, cede espaço para a inconstância e a incerteza nas páginas de *Orpheu*. À sua frente o poeta não enxerga nenhuma luz, nenhum sinal de salvação, se assim podemos dizer. Coberto de pessimismo, à frente dos seus olhos está a noite da memória, onde se escondem os escombros do passado, e a manhã de nevoeiro, que é a saudade da qual Pascoaes nos fala, nunca chega de fato. Isso é o que percebemos na peça “O Marinheiro” de Fernando Pessoa:

Primeira veladora – Ainda não deu hora nenhuma.

Segunda. – Não se podia ouvir. Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

Terceira. – Não: o horizonte é negro.

Primeira. – Não desejais, minha irmã, que nos entretenhamos contando o que fomos? É belo e é sempre falso ...

Segunda. – Não, não falemos d’isso. De resto, fomos nós alguma coisa? ⁷

⁶ PASCOAES, Teixeira de. Bibliografia. *A Águia*. Porto, nº 3, p. 15-16

⁷ PESSOA, Fernando. O marinheiro. *Orpheu*. Lisboa. nº1 p. 33-53. jan./fev./mar.,1915

Também em um poema de Cortes Rodrigues, encontramos um eu pessimista, delirante, céptico e angustiado em relação ao nascimento de um novo dia:

Delírio roxo d'agonia. Prece.
Poente feito noite. Escuridão.
Perturbo-me de mim em sensação
E dentro em mim desfalece
E anoitece
A sombra do meu Ser na solidão
Do dia que morreu e se perdeu
E jamais amanhece.⁸

No poema 16, de Mário de Sá Carneiro, o poeta, submerso em angústia, é vítima de um presente insípido e nauseante, que leva em sua memória os destroços do passado:

Esta inconstância de mim próprio em vibração
É que me há de transpor às zonas intermédias,
E seguirei entre cristais de inquietação,
A retinir, a ondular ... soltas as rédeas,
Meus sonhos leões d'ouro e pasmo domados a tirar
A torre d'ouro que era o carro de minh'Alma,
Transviarão pelo deserto muribundos de luar –
E eu só me lembrarei num baloiçar de palma ...
Nos oásis, depois, hão de se abismar gumes,
A atmosfera há de ser outra em outros planos:
As rãs hão de coaxar-me em outros tons humanos
Vomitando a minha carne que comeram entre estrumes...⁹

Percebemos neste poema que a transposição do poeta para uma outra dimensão implicaria não a clarividência e o aprofundar-se no espírito da Alma, como pregavam os poetas de *A Águia*, e sim num estado de putrefação e decadência. De fato, a inconsistência do poeta é o que o levará a outros planos mais inconstantes, uma inconstância que bem reflete o próprio estado da grei – sufocada no presente, sem alcançar o futuro de grandiosidade outrora profetizado, e vivendo sobre os cacos do passado grandioso que sobrevive de fato apenas na memória. Se lembrarmos da definição que Pascoaes faz da Saudade, citada no início deste trabalho, veremos como aqui o poeta dialoga com as idéias saudosistas, ao mesmo tempo que rompe com a tradição de que

⁸ CÔRTEZ-RODRIGUES, Poente. *Orpheu*. Lisboa. nº1 p. 84- 85. jan./fev./mar.,1915

⁹ SÁ-CARNEIRO. 16. *Orpheu*. Lisboa. nº1, p. 17. jan./fev./mar.,1915

através da saudade é que se chega a outro reino. Enquanto Pascoaes define que a saudade “é o centro do Universo, a alma da natureza dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da natureza”, no poema de Sá Carneiro temos uma voz que, numa imagem muito ao gosto de Leautréamont, é coaxada e tem sua carne vomitada por rãs, as quais outrora a comeram em meio a estrumes. Já a sua alma, ao invés de viver uma primavera perpétua, é transposta por inquietantes zonas intermédias, um oásis que não passa de uma miragem. E, infelizmente, a grei estava mais para os sentimentos do poeta de Sá Carneiro, que para a utopia pascoalina.

Até mesmo o símbolo mor da conquista portuguesa dos mares, a nau aparece aqui de forma decadente. Naus quebradas, o que resta é a estagnação.

Mastros quebrados, singro num mar d'Ouro
Dormindo fogo, incerto, longemente ...
Tudo se me igualou num sonho rente,
E em metade de mim hoje só moro ...
(...)
- Ó pântanos de Mim – jardim estagnado...¹⁰

Também no poema “A Alma que Passa” do brasileiro Ronald de Carvalho, encontramos um eu que vive um presente à sombra do passado, e cuja alma perde-se na apatia da Pátria:

Sou transparência, chama pálida, ânsia,
Última nau que abandonou o cais.
No alvor das minhas mãos chora a distância
Proas rachadas, longes de ouro, ideais ...
(...)
vago perdido em outros num jardim,
e sinto no clarão da última glória
a sombra do que sou morrer em mim...”¹¹

Exemplos não faltam para o quadro de um poeta cético, indiferente, entediado e febril. Podemos sim afirmar que o poeta sente saudade de um “Tempo azul”, o qual era esguio e leve,

¹⁰ SÁ-CARNEIRO. Apoteose, . *Orpheu* Lisboa. nº1, p. 22-23, jan./fev./mar.1915

¹¹ CARVALHO, Ronald de. A Alma que Passa – Sentido, *Orpheu*. Lisboa. nº1, p. 27. jan./fev./mar.,1915

saudade de um Ter-sido-Deus. No entanto, este tempo de tão remoto transfigura-se num sonho. O eu é um Rei, ou se lembrarmos da citação que Cortesão faz sobre a saudade do poeta de ter sido Deus, poderemos até afirmar que ele alcança este estágio divino. Mas o que ele encontra neste estágio, ao invés de uma atmosfera de amor, envolvida em religiosidade, ou se preferirmos, ao invés de “renascer para uma primavera”, ele tem a percepção de que tudo não passa de um sonho. Tudo é irreal.

Concluindo, no decorrer deste trabalho foi apresentado de forma sucinta o movimento que se percebe no papel do poeta em dois momentos da República Portuguesa: o de sua implantação e o de seu desenvolvimento. Momentos os quais ganham reflexo nas páginas das revistas *A Águia* e *Orpheu*. Para o grupo de *A Águia*, estaria por acontecer um renascimento português, cujo maior indício seria a formação de uma nova escola de poetas em Portugal. Poetas estes, capazes de sentir e expressar o espírito da raça. Em *Orpheu* percebemos a desconstrução desta idéia, a partir de um poeta cujo eu reflete o estado da grei: pusilânime, incerto, instável, vivendo das memórias do passado, num presente arruinado. Não obstante, existe uma relação dialógica entre *Orpheu* e *A Águia*, entre o presente o passado, onde o primeiro apóia-se sobre as ruínas das crenças do segundo.